

SOBRE AS CAUSAS EM ARISTÓTELES

ABOUT CAUSES BY ARISTOTLE

Luciana Rohden da Silva*

RESUMO: O ponto central da *Física* de Aristóteles é a questão do movimento, que deve ser entendida a partir de uma perspectiva causal: para tudo aquilo que é ou vem a ser existe uma causa. A ciência física deve investigar a substância dos entes que são por natureza, os quais têm em si mesmos o princípio do movimento. A questão do movimento exige o estudo das diferentes espécies de causas, as quais, embora sejam entendidas em diversos sentidos, devem ser reportadas a quatro modos mais manifestos, a saber: a matéria, a forma, o que moveu e o fim. A partir desses quatro modos principais, Aristóteles estabelece uma ciência acerca do mundo físico. No entanto, após apresentar a doutrina das quatro causas, considera necessário investigar a sorte e o acaso, os quais são denominados como causas acidentais de entes e eventos também acidentais. O presente artigo pretende esboçar algumas considerações acerca da relação entre os quatro modos mais manifestos em que causa é dita e as causas acidentais, e também, de que modo as causas acidentais impedem a existência de um finalismo absoluto no mundo físico sublunar.

PALAVRAS-CHAVE: Movimento. Causa. Causa acidental.

ABSTRACT: The substantial matter of Aristotle's *Physics* is the question about motion, which should be understood from a causal point of view: there's a cause for everything that is or comes to be. The science of Physics should inquire of natural beings, which have the principle motion by themselves. Although cause is understood many senses, the question about motion demands the concerning about different causes, those that should be attributed to four more known modes, namely, matter, form, it that has begun motion and end. From these four main modes, Aristotle founds a science about the physical world. After presenting the four causes doctrine, however, he considers necessary to inquire about chance and spontaneity, also called accidental causes of accidental beings and events. We aim to plot out in this paper some considerations about relation between the four more known modes of cause and accidental causes and also how accidental causes prevent the existence of an absolute finalism in the physical sublunary world.

KEY WORDS: Motion. Cause. Accidental cause.

* Doutoranda em Filosofia-PUCRS/bolsista e pesquisadora do CNPq Contato: lucianarohden@yahoo.com

SOBRE AS CAUSAS EM ARISTÓTELES¹

As *Lições de Física (Physike Akroasis)*, mais conhecidas por nós como *Física*, é o obra que inicia o conjunto dos estudos físicos de Aristóteles². Embora a investigação acerca da natureza (*physis*) tenha sido comum aos pensadores gregos, Aristóteles foi o primeiro entre eles a estabelecer uma ciência (*episteme*) acerca da *physis*. Segundo ele, a ciência física (*physike episteme*) deve investigar os princípios e as causas dos entes que são por natureza (*ta physei onta*). Ora, sabe-se que o sentido primeiro e fundamental em que ente (*to on*) é dito é a substância (*ousia*)³, de modo que a ciência física deve investigar a *physis* enquanto “a substância dos entes que têm em si mesmos enquanto tais o princípio do movimento”⁴. Em outras palavras, a substância sensível, composta de matéria e forma, é o objeto principal de investigação da *physike episteme* porque é o princípio a partir do qual ocorrem as modificações de um ente por natureza. Agora, se *physis* é princípio de movimento nos entes que são por natureza, cuja *ousia* é o próprio movimento, conseqüentemente o estudo da *physis* implica o estudo do movimento (*kinesis*): “Visto que natureza é um princípio de movimento e de mudança, e nosso estudo versa sobre a natureza, não podemos deixar de investigar o que é o movimento; pois, se ignorássemos o que é, necessariamente ignoraríamos também o que é a natureza”⁵.

Aristóteles define o movimento como “o ato do que é em potência enquanto tal”⁶. Assim, ao assinalar a diferença entre os conceitos de ato (*energeia*) e potência (*dynamis*), ele considera como possível o estudo acerca das mudanças que sobrevêm a um ente. *Dynamis* e *energeia* são modos do ente: a potência se refere à capacidade de um ente tornar-se algo que ainda não é, e o ato corresponde a um estado já realizado do ente. Então, quando se diz que um ente é ou que ele não é, fala-se da sua existência em ato ou em potência. Nesse sentido, não existe apenas o ente e o não-ente, igualmente, não existe apenas o homem branco e o

¹ Todas as obras citadas neste artigo são de Aristóteles, de modo que indicaremos somente os títulos e a paginação referente às passagens indicadas.

² Cf. *Física*, I 1, 184a 10-16. Propriamente falando, a *Physica* de Aristóteles representa a totalidade de seus estudos físicos, i.e., além das pesquisas acerca da *physis* e de suas manifestações, a *Physica* aristotélica denomina o conjunto dos estudos de Aristóteles sobre botânica, biologia, zoologia, cosmologia, meteorologia e psicologia. Cf. *Meteorológicos*, I 1, 338a 20-339a 10.

³ Cf. *Metafísica* IV 1, 1028a 30-31; 2, 1003a 33-34; 2, 1003b 5-12.

⁴ *Metafísica*, V 4, 1015a 14-15. Segundo Aristóteles: “O princípio de movimento dos seres por natureza é isto que, de algum modo, neles subsiste intrinsecamente, quer em potência, quer em perfeição” Cf. *Metafísica*, V, 1014b 16-1015a 20.

⁵ *Física*, III 1, 200b 10-16.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 - No.1	Junho 2009	pp. 67-80
-----------------	-------------------	--------------	------------	---------------	-----------

homem não-branco; o que existe é o homem que é atualmente branco e também o homem que é potencialmente branco, de modo que, em relação ao ente que está em ato, o ente que está em potência é um não-ente porque ainda não o é em ato. E assim, segundo a teoria aristotélica do movimento, um ente não pode, de fato, ser aquilo que não é, contudo ele ente pode vir a ser o que não é agora, i.e., aquilo que ainda não é.

Quanto aos modos do movimento, Aristóteles elege quatro formas principais. Elas se referem à substância, à qualidade, à quantidade e à locomoção. O movimento segundo a substância é o vir-a-ser e o deixar-de-ser, a geração e a corrupção (*genesis kai phthora*) – o processo de geração é o assumir, por parte da matéria, uma forma, e o de corrupção é o deixar de possuir uma forma. O movimento segundo a qualidade é a alteração (*alloiosis*), a qual consiste nas mudanças e alterações dos modos e estados do ente. O movimento segundo a quantidade é o aumento (*aucsesis*) e a diminuição (*phthisis*), ou seja, o crescimento ou desenvolvimento de um ente. Por último, o movimento segundo o lugar, a translação (*phora*), ou mudança de lugar. No tocante aos entes e eventos naturais, o vir-a-ser e o deixar-de-ser é o tipo mais importante de movimento porque os demais, de um modo ou de outro, se referem a ele⁷.

Aristóteles considera a *physis* e o movimento como evidências da experiência sensível, de modo que o fato de os *physei onta* estarem em movimento deve ser aceito como um pressuposto para a investigação física⁸: todos os entes que procedem da *physis* estão em movimento ou em repouso, pois, continuamente vêm a ser, deixam de ser, ganham e perdem qualidades, se transformam e se locomovem. Além disso, segundo o pensamento aristotélico, não há existência ou vir-a-ser sem causa (*aition / aitia*), e assim, a questão do movimento vincula-se imediatamente à pergunta acerca das causas primeiras da natureza⁹. Nesse sentido, a investigação do movimento exige a pergunta pelas diferentes espécies de causas, uma vez que essas são os princípios a partir dos quais é possível explicar o surgimento dos fenômenos e de todos os processos de movimento ou mudança¹⁰. E se o conhecimento científico (*episteme*) refere-se ao conhecimento da causa – pois a causa indica não somente o *que (to ti)*

⁶ *Física*, III 1, 201a 10-11.

⁷ Cf. *Física*, V 1, 225a 34-b 9.

⁸ Cf. *Física*, I 2, 185a 12-14; 193a 1-8.

⁹ Cf. *Física*, II 3, 194b 16-23.

¹⁰ Causa (*aitia / aition*) em Aristóteles pode ser entendida como sinônimo de princípio (*arche*), pois explica não somente as mudanças que sobrevêm a um ente, mas também, é o que torna possível a mudança ou movimento.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 - No.1	Junho 2009	pp. 67-80
-----------------	-------------------	--------------	------------	---------------	-----------

a coisa é, mas, sobretudo, o *porquê* (*to dia to*) de essa coisa ser o que é –, a tarefa do físico consiste em conhecer (*epithastai*) as causas e os princípios primeiros da natureza¹¹.

A existência dos princípios e das causas também é algo evidente, caso contrário não seria possível conhecer os entes que existem e vêm a ser. Embora, também pareça evidente que as causas do vir-a-ser dos entes e eventos por natureza sejam ditas em muitos sentidos, Aristóteles considera necessário que o físico, ao estudar as causas do movimento e de toda mudança natural, reporte os muitos sentidos para quatro modos mais manifestos¹², sejam eles: matéria (*hyle*), forma (*eidōs*), o que moveu (*to kinesis*), o em vista de que (*to ou heneka*) ou fim (*telos*). Eis a perspectiva aristotélica sobre as causas do vir a ser dos entes e eventos do mundo físico: tudo o que se move é movido por algo¹³, de modo que os quatro modos principais em que causa é dita são modos diferentes, em termos de mudanças e processos de movimento, de se ver a substância.

No capítulo 3 do Livro II da *Física*, Aristóteles expõe sistematicamente sua doutrina sobre os quatro modos fundamentais em que entende causa. Em um primeiro sentido, causa é dita “aquilo a partir de que algo vem a ser e que está imanente naquilo que vem a ser”. Aqui, causa é entendida como a matéria (*hyle*) a partir da qual as coisas são feitas: tal como é o bronze da estátua e a prata da taça. Do mesmo modo, os gêneros dessas coisas são ditos causas neste primeiro sentido: é causa, não somente o bronze *desta* estátua ou a prata *desta* taça, mas *todo* o bronze e *toda* a prata em geral¹⁴. Em um segundo sentido, causa é dita “a forma e o modelo (*to eidōs kai to paradeigma*), e isso é o enunciado da essência (*o logos o tou ti en einai*) e seus gêneros e as partes que se dão no enunciado”¹⁵. Aqui, causa é o sentido próprio de cada coisa pensada em si mesma: a forma (*eidōs*) especifica a existência de um ente; é ela que permanece frente às mudanças desse ente e, ao mesmo tempo, é ela que determina tais mudanças. Em um terceiro sentido, “causa é dita aquilo de onde é o começo primeiro da mudança e do repouso (*hothen e arché tes metaboles e prote e tes eremeseos*)”. Ou seja, causa é dita como eficiente, i.e., aquilo que produz alguma coisa, por exemplo: o pai é causa da criança. Em um quarto sentido, causa é dita o fim (*telos*), o em vista de que (*to ou eneka*). Por exemplo, a saúde é causa do caminhar, pois é o fim *em vista de que* se caminha¹⁶.

¹¹ Cf. *Física*, II 7, 198a 21-24.

¹² *Física*, 195a 15-16.

¹³ *Física*, VII 1, 241b 31-32.

¹⁴ Cf. *Física*, II 3, 194a 23-26.

¹⁵ *Física*, 26-29.

¹⁶ Cf. *Física*, II 3, 194a 32-34.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 - No.1	Junho 2009	pp. 67-80
-----------------	-------------------	--------------	------------	---------------	-----------

Portanto, as causas são ditas nestes quatro modos: o *porquê* (*to dia ti*) se reporta ou *ao que moveu primeiramente*, ou à *matéria*, ou ao *que é* (a forma), ou ao *em vista de que*¹⁷. Dito de outra maneira, e repetindo: a causa eficiente é o princípio do movimento ou da mudança; a causa material, aquilo a partir do qual algo surge; a causa formal é o *eidós*, i.e., a idéia ou modelo que enforma a mudança, e é também a essência, a razão de ser de uma coisa; e, por último, a causa final é o fim, a realidade para a qual a mudança acontece. As causas eficiente, formal e final convergem, muitas vezes, para uma só causa, pois o movimento inicia-se em direção a uma forma, de modo que a forma será tanto o princípio como o fim do movimento – é o que ilustra o exemplo do homem que gera o homem: a forma do pai, que é o princípio de movimento do filho, é, de certo modo, a mesma que o filho tende a alcançar como fim¹⁸.

As causas entendidas nesses quatro modos expressam-se como fundamentais e necessárias à explicação do vir-a-ser e deixar-de-ser dos entes e processos naturais. Aristóteles denomina essas causas como causas por si (*ta aitia kath'auto*), as quais, como se sabe, são sempre quatro em espécie; contudo, dentro de uma mesma espécie, umas se dizem de outras mais anteriores ou mais posteriores, bem como o gênero que envolve as causas por si¹⁹. Nesse sentido, pode haver várias causas para uma mesma coisa: “Da estátua, é causa tanto a arte da escultura como o bronze, não segundo alguma outra coisa, mas sim enquanto estátua”²⁰. Enquanto causas, a arte da escultura e o bronze não o são segundo o mesmo modo: o bronze é causa como a matéria e a arte da escultura o é como aquilo desde que o movimento ocorre²¹. Pode acontecer também de duas coisas serem causa reciprocamente, por exemplo: a saúde e o exercício. Mas, novamente, elas não são causas de um mesmo modo, pois a saúde é causa final do exercício, enquanto esse é causa da saúde como princípio de movimento²². E, a mesma coisa pode ser causa para os contrários: “apontamos como causa do naufrágio a ausência do capitão, capitão cuja presença é causa da salvação”; neste caso, tanto a ausência como a presença do capitão são causas como o princípio de movimento²³.

¹⁷ Cf. *Física*, II 3, 198a 15-21.

¹⁸ Segundo Aristóteles, é assim para “todas as coisas que são movidas movendo outras”, pois “a respeito do vir-a-ser, é sobretudo neste último modo que procuram as causas, o que vem a ser depois do que, ou o que inicialmente produziu ou o que padeceu, e assim sempre o seguinte”. Cf. *Ibidem*, 198a 33-35.

¹⁹ Cf. *Física*, 26-31.

²⁰ *Física*, 5-7.

²¹ Cf. *Física*, 195a 3-8.

²² Cf. *Física*, 8-11.

²³ *Física*, II 3, 195a 11-14.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 - No.1	Junho 2009	pp. 67-80
-----------------	-------------------	--------------	------------	---------------	-----------

Além das causas por si, as causas podem ser ditas segundo acidente (*ta aitia kata symbebekos*): “Por exemplo, de certo modo, a causa da estátua é Policleto, de outro, um escultor, porque coincide de ser Policleto o escultor”²⁴. Do mesmo modo, causa pode ser o gênero ao qual pertence o acidente: diz-se que o homem é causa da estátua e, de um modo geral, o animal, pois Policleto é homem e o homem, um animal²⁵. Semelhantemente à causa que é por si, dentre as causas segundo acidente, há aquelas que estão mais próximas e as que estão mais distantes, “como, por exemplo, se o branco e o músico fossem ditos a causa da estátua”²⁶. No entanto, uma causa accidental depende sempre de uma causa que venha a ser primeiro, de modo que a causa por si é sempre anterior a uma causa accidental. É o exemplo de Policleto: em sentido accidental, Policleto é causa da estátua, mas, como causa por si, o escultor é a causa. A causa da estátua é Policleto, porque acontece ser ele escultor, de modo que escultor é a causa por si da estátua, porque é a causa mais extrema e, portanto, anterior a Policleto.

Assim, podem ser ditas causas: as causas por si e os seus gêneros; as accidentais e os seus gêneros; as combinações entre causas por si e causas accidentais: a causa da estátua não é Policleto nem um escultor, mas *Policleto escultor*; ou entre a combinação desses dois gêneros: por exemplo, um *homem artista* enquanto causa da estátua; também, as causas ditas simplesmente: a matéria, a forma, o que moveu e o fim²⁷.

Cabe ainda dizer que todos esses modos de causas são sempre ditos ou como *atuantes* (*energounta*) ou *segundo potência* (*kata dynamin*)²⁸, “como do construir uma casa é causa um construtor ou um construtor que está [atualmente] construindo”²⁹. Em termos aristotélicos, a diferença entre *causa atuante* e *causa segundo potência* consiste no seguinte: “As causas que são por si e atuantes existem ou não existem simultaneamente àquilo de que são causas”. Dito de outro modo, o construtor que constrói é simultâneo em relação ao que está sendo construído; diferentemente, as causas *segundo potência* nem sempre são simultâneas aos seus efeitos, “pois não se corrompem simultaneamente a casa e o construtor”³⁰. Além disso, para se obter um conhecimento mais preciso acerca da causa, é preciso buscar a causa mais extrema (*to akrotaton aition*) de cada coisa. Então, quando se diz que o homem é a causa da casa, o

²⁴ *Física*, 33-35.

²⁵ Cf. *Física*, 195a 35-195b 1.

²⁶ *Física*, 195b 2-3.

²⁷ Cf. *Física*, 12-16.

²⁸ Cf. *Física*, 16; *Metafísica*, V 2, 1014a.

²⁹ *Física*, II 3, 195b 3-6.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 - No.1	Junho 2009	pp. 67-80
-----------------	-------------------	--------------	------------	---------------	-----------

homem é causa, não porque é homem, mas antes porque possui a arte da construção; a arte da construção é a causa mais extrema: pois um construtor constrói uma casa unicamente porque possui a arte da construção³¹. De modo que, a causa mais extrema é aquela a partir da qual as outras coisas são ou vêm a ser causa para a produção do efeito e deve ser buscada com respeito aos gêneros, aos particulares, ao que está em potência e com respeito ao que está se atualizando³².

Conforme o que foi exposto, o ente por natureza, a partir de sua própria substância, composta de matéria e forma, tem uma capacidade motriz que está direcionada à atualização de sua própria forma, i.e., o fim. A realização do fim enquanto atualização da forma ocorre através do movimento da matéria capaz de acomodar várias formas, de modo a existir um processo gradual de mudanças e realizações em vista de um fim maior. Compreendida em sua totalidade, a *physis* se apresenta como uma grande realidade orgânica que abarca todos os entes existentes e que, em seus processos de vir-a-ser, se movem como que atraídos por uma causa final suprema. Em outras palavras, segundo a perspectiva aristotélica, existe um primeiro princípio eterno e imóvel que é a causa a partir do qual ocorrem todos os movimentos individuais. Este princípio é Deus, primeiro movente não-movido, eterno e único, indivisível, inextenso, elementar, forma pura, inteligente e dotado de vontade³³. O primeiro movente não-movido (*proton kinoun akineton*) pertence também ao mundo da *physis*, embora em sua periferia³⁴, e é causa final não-movida na medida em que move o mundo por atração, semelhantemente ao modo como a alma move o corpo ou o amado, amante³⁵. Portanto, todos os movimentos pertencentes ao mundo físico justificam-se através dele, ao qual são naturalmente atraídos..

Nos dois últimos capítulos do livro II da *Física*, Aristóteles afirma que a natureza deve ser entendida entre as causas que são para um fim e que ao mundo físico sublunar corresponde uma necessidade condicional. Em outras palavras, Aristóteles defende haver, na maioria das vezes, uma explicação teleológica para os processos de movimento dos entes

³⁰ *Física*, II 3, 195b 16-21.

³¹ Cf. *Física*, 21-25.

³² *Física*, 25-28.

³³ Cf. *Física*, VIII 6.

³⁴ Segundo Aristóteles não existe outro mundo além deste (cf. *Do Céu* I 8, 276a 18): “E é também necessário que o movente esteja ou no meio ou sobre a circunferência, pois estes são os princípios [da esfera]; mas as coisas que se movem com maior rapidez são as que estão mais perto do movente, e este é o caso do movimento da circunferência; logo o movente está ali.” *Física*, VIII 10, 267b 5-10.

³⁵ Cf. *Metafísica*, XII 7, 1072b 3-4.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 - No.1	Junho 2009	pp. 67-80
-----------------	-------------------	--------------	------------	---------------	-----------

existentes no mundo sublunar. Os processos de desenvolvimento dos *physei onta* ocorrem gradativamente: cada uma das etapas de um processo é completada em prol de um fim último (o *telos*), que é a realização plena da forma (*eidos*). Aristóteles apresenta alguns exemplos: assim são os dentes, eles existem em vista do mastigar, o mastigar em vista do digerir e este em vista do sobreviver; do mesmo modo, é em vista de algo que a andorinha faz o ninho e a aranha, a teia; no caso das plantas, elas fazem as folhas, em vista do fruto, e as raízes para baixo, em vista do buscar o alimento³⁶. No entanto, Aristóteles não defende um finalismo absoluto, mas somente a prevalência do fim, enquanto realização da forma, como justificação última dos entes e processos que ocorrem por natureza. Ou seja, Aristóteles, nem na *Física* e nem em outras de suas obras, defende que tudo o que é ou ocorre por natureza, é ou ocorre devido a um fim. Um eclipse solar, por exemplo, não vem a ser em vista de algo e, portanto, não tem causa final³⁷; semelhantemente, a cor azul dos olhos não é para um fim, pois a finalidade dos olhos é enxergar³⁸. Além disso, existem, no mundo da natureza, entes e processos puramente acidentais, advindos de causas também acidentais (*aitiai kata symbebekos*). Aristóteles faz um exame pormenorizado acerca dessas causas e somente depois disso apresenta os argumentos para defender a existência de uma finalidade própria nos processos naturais de movimento, considerando haver aí não uma necessidade, em sentido absoluto, mas uma necessidade condicional, segundo a qual o fim se realiza somente se algo não o impedir:

São por natureza todas as coisas que, movidas continuamente a partir de algum princípio, chegam a algum fim; e, a partir de cada princípio, não é o mesmo fim para cada uma, nem qualquer fim que coincidir; entretanto, se nada impedir, sempre se chega ao mesmo fim.³⁹

Foi exposto acima que Aristóteles considera que, dentre as coisas que vêm a ser, algumas são em vista de algo, outras não. Ser *em vista de algo* (*heneka tou*) é dito de todas as coisas que podem ser realizadas a partir do pensamento (*apo dianoias*) ou daquelas que são por natureza (*apo physeos*). Portanto, dentre as coisas que vêm a ser sempre, ou na maioria

³⁶ Cf. *Física*, II 8, 199a 20-30.

³⁷ Cf. *Metafísica*, VIII 4, 1044b 4-12.

³⁸ Cf. *Reprodução dos animais*, V 1, 778a 32-34.

³⁹ *Física*, II 8, 199b 15-18. A passagem continua assim: “E o em vista de que (*to ou heneka*), bem como aquilo que é em vista dele, poderiam vir a ser inclusive a partir do acaso, tal como dizemos que o estrangeiro veio a partir do acaso e, tendo pago o resgate, partiu, quando ele age como se tivesse vindo em vista disso, embora não tenha vindo em vista disso. E isso é segundo acidente (pois o acaso se conta entre as causas segundo acidente, conforme já anteriormente dissemos), mas, quando isso vem a ser ou sempre ou no mais das vezes, não é

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 - No.1	Junho 2009	pp. 67-80
-----------------	-------------------	--------------	------------	---------------	-----------

das vezes, existem aquelas que são em vista de algo. Quando, nessas coisas, ocorrem *acidentes* (*symbebekota*), se diz que esses vêm a ser *a partir do acaso* (*apo tyches*) ou *a partir do espontâneo* (*apo tautomaton*)⁴⁰. Nesse sentido, há duas condições para que um ente ou evento venha a ser a partir de causas acidentais: ele deve pertencer ao domínio das coisas que são *em vista de algo* e deve, também, vir a ser acidentalmente, i.e., nem sempre, nem na maioria das vezes:

Uma vez que vemos algumas coisas vindo a ser sempre da mesma maneira, e outras vindo a ser na maioria das vezes, é manifesto que o acaso e o a partir do acaso não se dizem causa de nenhuma dessas: nem daquilo que é por necessidade e sempre, nem daquilo que é na maioria das vezes.⁴¹

Portanto, Aristóteles admite três níveis diferentes de causalidade para o mundo físico: o mundo supralunar é regido por uma necessidade absoluta – todo movimento pertencente ao céu existe sempre e necessariamente do mesmo modo; o mundo sublunar, por sua vez, apresenta, em seus processos de movimento, tanto regularidade como acidentalidade: existem entes e eventos que vêm a ser na maioria das vezes e existem aqueles que vêm a ser excepcionalmente. Os seres e os eventos excepcionais, denominados por Aristóteles de *acidentes* (*symbebekota*) vêm a ser a partir de causas também acidentais, definidas como sorte (*tyche*) e acaso (*automaton*). Segundo Aristóteles, o *automaton* se diferencia da *tyche* porque é mais amplo: o acaso compreende todos os resultados acidentais que acontecem no mundo da *physis*, enquanto a sorte restringe-se ao âmbito da ação humana. Eis o que nos diz Aristóteles:

É manifesto que, no domínio daquilo que em absoluto vem a ser em vista de algo, quando algo cuja causa externa vem a ser não em vista daquilo que resulta, aí então dizemos vir a ser a partir do acaso; mas, por sua vez, dentre esses dizemos vir a ser a partir da sorte tudo o que, dentre o que pode ser escolhido (*proaireton*), vêm a ser a partir da sorte para aqueles que dispõem de escolha (*proairesis*).⁴²

Pois bem, dentre as coisas que são em vista de algo, existem aquelas que são por escolha (*kata proairesin*) e outras que não são por escolha. A *tyche*, como já dito, refere-se aos resultados de acontecimentos que podem ser escolhidos por aqueles que possuem como capacidade a *proairesis*⁴³. Dessa maneira, há, da parte do agente, a escolha por uma

acidente nem tampouco a partir do acaso; e nos entes por natureza, é sempre assim, se algo não impedir”. *Física*, 18-26.

⁴⁰ Cf. *Física*, II 5, 196b 17-25.

⁴¹ *Física* 10-13.

⁴² *Física*, II 6, 197b 18-22.

⁴³ Cf. *Física*, II 6, 197a 5; 38-40. A *tyche* não se estende aos animais, às coisas inanimadas e às crianças, pois, para Aristóteles, esses não possuem a capacidade de escolher, e, portanto, não poderiam produzir algo a partir da

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 - No.1	Junho 2009	pp. 67-80
-----------------	-------------------	--------------	------------	---------------	-----------

determinada ação, a qual implica uma finalidade. Juntamente com a finalidade se dá algo excepcional, uma *concausa* (*synaitia*), que resulta em algo não esperado nem escolhido pelo agente. Quando algo assim acontece, diz-se que foi *a partir da sorte* (*apo tyches*). O exemplo é o de alguém que vai até a praça com uma determinada finalidade e lá recebe um dinheiro que lhe é devido. Ora, diz-se que o evento da restituição do dinheiro é a partir da sorte: pois, nem sempre, nem na maioria das vezes que alguém vai à praça recebe uma soma que lhe é devida. Além do mais, o encontro que ocorre entre a pessoa, que foi à praça, e o seu devedor não foi escolhido como finalidade (no entanto, poderia ser uma finalidade), mas foi o resultado *acidental* de causas que agiam com vistas a outras finalidades⁴⁴. Assim, a *tyche*, enquanto causa acidental, é uma coincidência, o acontecer simultâneo de duas ou mais causas não- necessárias entre si para a produção do efeito ou de um fim: a pessoa que foi à praça não foi em vista de receber o dinheiro, nem o devedor, suponha-se aqui, foi à praça em vista de restituir uma soma devida. É razoável haver inúmeros motivos para alguém escolher ir à praça – por exemplo, “querendo ver alguém, ou para acusar e defender-se no tribunal, ou a fim de contemplar um espetáculo” –, de modo que o encontro desses motivos, ou causas, em um mesmo tempo, resulta em um acidente: a restituição do dinheiro. Logo, não é possível indicar a causa exata para a produção de um evento acidental:

É correto dizer que a sorte é algo à parte da explicação (*logos*): pois a explicação é ou daquilo que é sempre, ou daquilo que é na maioria das vezes, ao passo que a sorte reside naquilo que vem a ser à parte desses. De modo que, visto serem indeterminadas as causas desse tipo, também é indeterminada a sorte.⁴⁵

Portanto, “a sorte é causa segundo acidente, naquilo que é segundo escolha, das coisas em vista de algo”⁴⁶. Aristóteles ainda assinala que devido ao fato de a *tyche* estar restrita ao mundo da ação (*praxis*), ser algo à parte da explicação e acontecer somente raras vezes, a boa sorte (*eutychia*) e a felicidade (*eudaimonia*) são consideradas como coisas próximas ou

sorte: “É necessário que a sorte seja concernente às ações factíveis (...), de modo que, para todos aqueles aos quais não é possível agir, tampouco é possível produzir”. No entanto, esses seres, podem sofrer (*paschein*) algo *a partir da sorte* “quando o agente lhes fizer algo a partir da sorte”. Cf. *Física*, 3-13.

⁴⁴Ao contrário: se uma pessoa vai à praça porque escolheu cobrar aquele que lhe deve ou se ela sempre ou no mais das vezes vai à praça fazer cobranças, não se diz ser *a partir da sorte* o fato de ter recebido dinheiro Cf. *Física*, II 5, 196b 33-197a 5.

⁴⁵ *Física*, 197a 18-21.

⁴⁶ *Física*, 5-6.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 - No.1	Junho 2009	pp. 67-80
-----------------	-------------------	--------------	------------	---------------	-----------

semelhantes⁴⁷. Diz-se que se tem boa sorte quando algo bom resulta, e azar, quando algo ruim resulta:

Assim como se diz boa fortuna (*eutychia*) e infortúnio (*dystychia*), quando essas coisas têm grandeza; por isso, inclusive, por pouco quase apanhar um grande bem ou um grande mal é ter boa fortuna (*eutychein*) ou ser desafortunado (*atychein*), porque o pensamento (*dianoia*) os afirma como se tivessem ocorrido.⁴⁸

O acaso (*automaton*) também é causa acidental de resultados excepcionais concernente às coisas que acontecem excepcionalmente e que são em vista de algo, mas diferentemente da *tyche*, o *automaton* não se restringe somente às ações humanas, ele pode ocorrer aos demais animais, às coisas inanimadas e às crianças: “pois tudo o que é a partir da sorte é a partir do acaso, mas nem tudo que é a partir do acaso é a partir da sorte”⁴⁹. Em outras palavras: a *tyche* figura como um modo particular de *automaton*, pois esse ocorre independentemente de haver ou não *proairesis*. Por exemplo, uma pedra que cai de algum lugar, não cai porque tem a finalidade de ferir alguém, mas cai a partir do acaso (*apotautomaton*); assim, diz-se que a pedra ao cair feriu alguém *em vão*, por acaso. Uma pedra bem pode ter sido atirada por uma pessoa que tivesse escolhido a finalidade de ferir alguém, mas, se assim não ocorre, diz-se que ela cai a partir do acaso. A partir do exemplo dado, tem-se que todos os entes e eventos que acontecem a partir do acaso, são entes e eventos que acontecem *em vão*⁵⁰. Portanto, o acaso representa as exceções causais que ocorrem nos processos regulares da natureza.

Enquanto causas, a *tyche* e o *automaton* se contam entre aquelas *de onde é o princípio do movimento*: manifestam-se como *causas eficientes acidentais*, pois não guardam nenhuma relação necessária com os seus resultados. As coisas que vêm a ser a partir da sorte e do acaso são excepcionais em relação a tudo o que acontece por natureza ou a partir do pensamento. Ou seja, para que uma causa acidental venha a ser, um pressuposto é necessário: a existência de uma natureza que seja em vista de algo. Então, fica mais uma vez evidente porque nenhuma causa acidental pode ser anterior a uma causa que é por si: pois nada que é segundo

⁴⁷ Cf. *Física*, II 6, 197b 3-5.

⁴⁸ *Física*, II 5 197a 25-30. A boa sorte (*eutychia*) é algo inconstante (*abebaion*), pois não acontece nem sempre nem na maioria das vezes (cf. *Ibidem* 30-32); pelo mesmo motivo, a *tyche* pertence ao que é indeterminado e é não-evidente ao homem (cf. 9-10).

⁴⁹ *Física*, II 6, 197a 36.

⁵⁰ Cf. *Física*, II 6, 197b 22-31.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 - No.1	Junho 2009	pp. 67-80
-----------------	-------------------	--------------	------------	---------------	-----------

acidente (*kata symbebekos*) é anterior ao que é por si (*kath'auto*)⁵¹. A causa que é por si apresenta uma relação necessária com o evento que produz, podendo ser determinada: a partir da causa é possível deduzir a produção do efeito que dela se espera. Desse modo, uma causa *por si* é capaz de explicar acontecimentos que vêm a ser na maioria das vezes do mesmo modo e se apresenta como condição suficiente para a realização do resultado, uma vez que as circunstâncias estejam previamente estabelecidas. A causa acidental é caracterizada em sentido inverso: indica acontecimentos excepcionais, não apresenta relação necessária com o resultado que produz, é indeterminada e, também, imprevisível do ponto de vista do conhecimento da causa. E, novamente: as causas acidentais vêm a ser apenas em relação a uma conexão causal regular anterior, elas são interferências em processos causais já existentes. Portanto, um acidente (*symbebekos*) não é algo substancial e, radicalmente falando, uma causa acidental não é causa de nada: antes de ser propriamente uma causa, ela é a denominação, empregada por Aristóteles, para o evento que precede um resultado excepcional, i.e., um encontro fortuito, simultâneo, de várias causas entre si.

Façamos mais algumas considerações. Vimos que para a perspectiva aristotélica a questão do movimento implica necessariamente a questão das causas: para tudo o que é ou vem a ser existe uma explicação causal. Então, se nada existe sem causa, até mesmo os eventos excepcionais, se existem, vieram a ser a partir de causas, ainda que indeterminadas ou imprevisíveis. No entanto, o que parece dizer Aristóteles é que causa acidental não deve ser entendida como uma causa a mais em relação aos quatro modos principais em que causa é dita. Uma causa acidental denomina a conjunção não-necessária de causas independentes entre si. O encontro dessas causas, em um mesmo tempo, é acidental porque acontece excepcionalmente, pois o resultado que daí advém não guarda vínculo nem necessário nem freqüente com as causas que o produziram. É nesse sentido que Aristóteles fala de uma indeterminação causal: quando há a ocorrência de um resultado acidental, não é possível conhecer, de modo preciso, i.e., cientificamente, a causa a partir da qual um acidente vem a ser. Além disso, os acidentes e as causas acidentais são imprevisíveis, podem ocorrer ou não ocorrer, e, muitas vezes, não impedem a realização do fim em um processo causal, mas são concomitantes à finalidade determinada pela causa. São exemplos disso o caso do cozinheiro que, preocupado em dar prazer, produz a saúde em alguém e o do construtor que, acontecendo

⁵¹ Cf. *Física*, II 6, 197b 22-31.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 - No.1	Junho 2009	pp. 67-80
-----------------	-------------------	--------------	------------	---------------	-----------

também ser médico, cura alguém. Em ambos os casos tem-se a causa produzindo uma finalidade que lhe é própria e juntamente a esta acontece algo que lhe é accidental⁵².

Aquilo que provém das causas acidentais, o acidente, deve ser compreendido, segundo o pensamento aristotélico, como um mero resultado causal e nunca como um fim. Vimos que Aristóteles defende haver uma teleologia na natureza: nos processos de vir-a-ser do mundo sublunar existe um predomínio do movimento em direção a um fim; esse movimento principia com a forma (*eidós*), que é ao mesmo tempo o princípio e o fim (*telos*) rumo ao qual o movimento acontece. Aí reside a diferença entre um mero resultado causal e fim: os resultados provindos de causas acidentais não estão pré-determinados nas causas a partir das quais vêm a ser. Portanto, mesmo na produção de resultados favoráveis ou desfavoráveis ao homem, as causas acidentais não devem ser entendidas como causas finais acidentais, mas somente como causas eficientes acidentais, uma vez que produzem interferências em um processo causal já existente. Por mais que as causas acidentais e os seus respectivos resultados interfiram ou, até mesmo, impeçam a realização de alguns processos causais, eles só ocorrem excepcionalmente: na maioria das vezes os entes e eventos do mundo físico conseguem realizar perfeitamente o fim ao qual estão direcionados. Desse modo, o mundo sublunar, mesmo admitindo a ocorrência de entes e eventos meramente acidentais, não fica impedido de cumprir seu *telos*: a existência de uma causalidade acidental não impossibilita em absoluto a realização do fim, na maioria das vezes tem-se a prevalência do fim enquanto realização perfeita da forma.

Por outro lado, a margem de exceção salvaguardada pela própria regularidade do mundo físico permite e justifica a existência dos acidentes. Aristóteles, ao mesmo tempo em que não concede à forma uma prevalência absoluta, parece conferir relevância à noção de causa acidental: *tyche* e *automaton* são conceitos que trazem consigo a idéia de imprevisibilidade, pois não é possível prever ou controlar os resultados deles advindos. De fato, o mundo sublunar pertence ao domínio do que é somente na maioria das vezes, pois os próprios processos naturais de movimento permitem possibilidades de interferências em seus encadeamentos causais. Portanto, não é difícil concluir que não existe em Aristóteles uma teleologia universal, onde todos os entes e processos por natureza realizam seus respectivos fins; pois o fim nem sempre se realiza e, muitas vezes, concomitantemente a ele, acontecem resultados não-visados pela natureza nem escolhidos pelo pensamento humano.

⁵² Cf. *Metafísica*, VI 2, 1026b 37-1027a 5.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 - No.1	Junho 2009	pp. 67-80
-----------------	-------------------	--------------	------------	---------------	-----------

Referências

- ARISTÓTELES, *Acerca del cielo*. Introducción, traducción y notas de Miguel Candel. Madrid: Editorial Gredos, S.A., 1996.
- _____. *Física* (Livros I-II). Trad. Lucas Angioni. Textos Didáticos n.34. São Paulo: FCH/UNICAMP, 1999.
- _____. *Física*. Introducción, traducción y notas de Guillermo R. de Echandía. Madrid: Editorial Gredos, S.A., 1995.
- _____. *Metafísica*. Edición Trilingüe por Valentin Garcia Yebra. Madrid: Editorial Gredos, 1970.
- _____. *Meteorológicos*. Introducción, traducción y notas de Miguel Candel. Madrid: Editorial Gredos, S.A., 1996.
- _____. *Reproducción de los animales*. Introducción, traducción y notas de Ester Sanchez. Madrid: Editorial Gredos, S.A., 1994.
- THESAURUS *Linguae Graecae* in Cd rom. University of California, 1992.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 - No.1	Junho 2009	pp. 67-80
-----------------	-------------------	--------------	------------	---------------	-----------